

Amazônia do Brasil

LAURO MORHY

Reitor da Universidade de Brasília

Se a Amazônia tivesse sobrenome, este seria o mais correto: do Brasil. Afinal, 65% de toda a superfície da região está no nosso país, abrangendo, em quase 60% do território brasileiro, os estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Amapá, Tocantins, oeste do Maranhão e norte de Mato Grosso. Mas, ufanismo e regionalismo à parte, queremos tratar neste artigo do desafio que é para nós a Amazônia brasileira.

Os que já procuraram conhecê-la, estudar e penetrar essa rica dádiva dos céus certamente ficaram surpresos, sentiram-se pequenos e muitos até se perderam ante a sua grandiosidade e complexidade. Há, então, o risco de ficarmos encantados e de passarmos simplesmente a querer desfrutar daquele paraíso natural, opção que está em todos nós, pela identidade ancestral que no fundo temos com a mãe natureza.

Entretanto, é preciso aprender a conciliar esse sentimento com as imposições do processo evolutivo inexorável, que inclui o homem com os seus conhecimentos e necessidades. Precisamos aprender a conviver com o meio ambiente, com a natureza. Os desafios ainda nos esperam nesse mister, pois, em se tratando de Amazônia, muito há que se aprender, e sem por em risco essa riqueza que temos, a biota amazônica.

A *UnB-Revista* nº 2 (abril/maio/jun de 2001) focalizou a Amazônia sob vários aspectos incluindo a sua diversidade biológica, o extrativismo, as riquezas minerais, a força da marca Amazônia, aspectos geopolí-

ticos e estratégicos, madeira e borracha, os riscos do narcotráfico, os debates da Agenda 21 Brasileira, aspectos climáticos, desmatamentos e destruição de espécies nativas, impactos da agricultura e da pecuária, a atividade econômica, pobreza e preservação, e outros assuntos.

As matérias ainda estão bastante atuais. Mas, o cenário amazônico precisa ser diariamente acompanhado e freqüentemente revisto, como fazem os nossos pesquisadores e estudiosos da UnB e de outras instituições com as quais procuramos manter cooperações permanentes. Isso inclui as Universidades-membro da Associação de Universidades Amazônicas — Unamaz — (da qual faz parte a UnB).

A pauta amazônica inclui sempre o temor de devastação e da cobiça internacional. Já tivemos a oportunidade de lembrar que a Terra não deveria ter hoje uma população de mais de 4,2 bilhões de habitantes, mas já ultrapassou os seis bilhões e, até o ano 2050, poderá chegar aos nove bilhões. O nosso planeta apresenta então hoje um déficit de meia Terra! Assim sendo, o panorama mundial aponta para a ocupação de terras desocupadas, e os países que têm muita terra nessa situação serão pressionados cada vez mais a ocupá-las, por mecanismos diretos e também sutis, com imigrantes ou com projetos de interesse econômico ou "social". Se a região for especialmente rica em recursos naturais, como a Amazônia (e isso inclui mais de 20% da água doce do mundo), a pressão será provavelmente maior.

Mas os nossos temores não mudarão as coisas se não arregaçarmos as mangas. E, em alto nível, trabalhando mais científica-

e estrategicamente. Precisamos investir mais na auto-sustentação, a começar por melhorar a cultura regional que já tem uma boa base de conhecimentos práticos nesse assunto.

A UnB acaba de lançar o programa de apoio ao desenvolvimento regional denominado Amazônia do Brasil, associado à formação de jovens universitários para a cidadania. Interagindo com prefeitos e municípios amazônicos, serão identificados assuntos e problemas a serem estudados e resolvidos em cada projeto. As universidades e outras instituições locais poderão atuar como parceiras nesse esforço de apoio e integração. A experiência será uma escola para todos, para os locais e para os colaboradores visitantes, e deverá ser supervisionada com preocupações na linha de auto-sustentação.

Os que se enveredam hoje em estudos amazônicos deverão estar atentos para os problemas causados por assentamentos agrários, responsáveis por de 30% a 50% do desmatamento dos últimos tempos. Estima-se que este já tenha alcançado cerca de 50 quilômetros quadrados por dia, bem mais do que a área utilizada para o manejo florestal que vem sendo implantado.

A exploração madeireira chega agora a níveis mais preocupantes, com as previsões de falta de madeira no mercado interno, já a partir de 2004. Deve-se também focalizar os eixos de desenvolvimento e os zoneamentos ecológicos e econômicos, para que trabalhem realmente de modo sustentável.

Finalmente, é importante que todos se conscientizem de que, assim como existem muitos brasis em um só, há também várias amazônias.

DOCUMENTAÇÃO

Fonte: CB (opinião)

Data: 19/10/2003 Pg. 17

1580